

ETNOMETODOLOGIA COMO TEORIA DO SOCIAL EM PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

ETHNOMETODOLOGY AS THEORY OF THE SOCIAL IN RESEARCH IN EDUCATION

ETNOMETODOLOGÍA COMO TEORÍA DE LO SOCIAL EM INVESTIGACIONES EN EDUCACIÓN

Kely-Anee de Oliveira Nascimento ¹

Manuscrito recebido em: 01 de maio de 2021.

Aprovado em: 06 de junho de 2021.

Publicado em: 16 de junho de 2021.

Resumo

O objetivo desse artigo é compreender a Etnometodologia como teoria do social e o seu uso em pesquisas em Educação. Entendemos que novas possibilidades para estudar os fenômenos sociais, sobretudo para as pesquisas em educação é importante para uma prática humana, social. Por ser uma abordagem de pesquisa válida para os estudos qualitativos das organizações sociais, parece viável utilizá-la no contexto das práticas educacionais tendo como base os conceitos-chave prática, indicialidade, *accoutability*, reflexividade e noção de membro. Nesse sentido utilizamos a abordagem qualitativa e a perspectiva teórica da Etnometodologia em nosso estudo para compreender as contribuições da formação e da prática para a construção dos saberes/fazeres das coordenadoras pedagógicas que atuam na rede pública municipal da cidade de Teresina-PI. Trouxemos para discussão a importância da Etnometodologia nesse processo, que contribuiu para que pudéssemos mergulhar nas ações de todos os dias da prática gestora das coordenadoras, como membro, entender os termos indiciais e os etnométodos produzidos em suas tarefas de todos os dias.

Palavras-chave: Etnometodologia; Pesquisa; Educação.

Abstract

The research aimed to understand the use of the Ethnomethodology approach as a theory of the social and in researches on Education. We understand that this approach has brought new possibilities to study social phenomena, especially, for research on education, which is important to human social practices. Since this method is a valid research approach for qualitative studies of social organizations, it seems feasible to use it in the context of educational practices based on the key concepts of practice, index, accountability, reflexivity and notion of member. Thus, we used the qualitative approach and the theoretical perspective of Ethnomethodology to understand the contributions of training and practice to the construction of knowledge/practices from the pedagogical coordinators, who work in the municipal public network in Teresina-PI. We brought to discussion the importance of Ethnomethodology in this process, which allowed to immerse

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Docente na Universidade Estadual do Piauí.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8803-8588>
Contato: kelyanee@urc.uespi.br

ourselves in the everyday actions of the coordinators' management practice; as a member, we could understand the indicative terms and the ethnomethods used in their everyday tasks.

Keywords: Ethnomethodology; Research; Education.

Resumen

El objetivo de este artículo es comprender la Etnometodología como teoría de lo social y su uso en la investigación educativa. Entendemos que las nuevas posibilidades para el estudio de los fenómenos sociales, especialmente para la investigación en educación, son importantes para una práctica social humana. Por tratarse de un enfoque de investigación válido para estudios cualitativos de organizaciones sociales, parece factible utilizarlo en el contexto de prácticas educativas basadas en los conceptos clave de práctica, índice, *accountability*, reflexividad y la noción de miembro. En este sentido, utilizamos el enfoque cualitativo y la perspectiva teórica de la Etnometodología en nuestro estudio para comprender los aportes de la formación y la práctica a la construcción de saberes / haceres de los coordinadores pedagógicos que laboran en la red pública municipal de la ciudad de Teresina-PI. Trajimos a discusión la importancia de la Etnometodología en este proceso, lo que contribuyó a que pudiéramos sumergirnos en las acciones cotidianas de la práctica gerencial de las coordinadoras, como integrantes, comprender los términos indiciales y los etnométodos producidos en sus quehaceres cotidianos.

Palabras clave: Etnometodología; Investigación; Educación.

Introdução

A Etnometodologia consiste numa corrente da Sociologia americana que surgiu nos anos 1960, por Harold Garfinkel, após a publicação da obra *Studies in Ethnomethodology* (1967). Considerada uma teoria do social, os pesquisadores que a utilizam investigam os etnométodos, ou seja, os procedimentos empregados pelos atores sociais em suas atividades corriqueiras que dão sentido às suas realizações práticas. A base dos trabalhos desses pesquisadores está no contexto social de todos os dias, valorizando as situações comuns e o modo como os atores sociais põem em prática suas atividades.

De acordo com Minayo (2014, p.143), é a partir da filosofia compreensiva que surgem diversas abordagens, dentre as quais a “fenomenologia sociológica, a etnometodologia, o interacionismo simbólico, as histórias de vida e os estudos de caso”. A tradição fenomenológica abre diálogo com a Etnometodologia de Garfinkel, que teve como precursores os estudos de Talcott Parsons e Alfred Schütz, bem como as influências do Interacionismo Simbólico.

Para entendermos como pesquisadores na área da Educação utilizam essa teoria do social em suas pesquisas, descrevemos como a utilizamos na tese de doutorado que tem como objeto de estudo os saberes-fazeres da formação e da prática gestora de coordenadores pedagógicos do município de Teresina – PI, estudo desenvolvido em duas escolas públicas tendo como interlocutoras as duas coordenadoras pedagógicas que atuam na rede municipal da cidade há mais de cinco anos. Nas próximas seções vamos compreender a base precursora, a caracterização da Etnometodologia e o uso em pesquisas em educação, em especial esta desenvolvida durante o doutorado em educação.

Etnometodologia e a sua base precursora

De acordo com Coulon (1995), Parsons, sociólogo americano do século XX, modificou a Sociologia europeia com a elaboração da teoria da ação, inspirado em Durkheim, Weber, Pareto e outros. Segundo Parsons, “[...] as motivações dos atores sociais são integradas em modelos normativos que regulam as condutas e as apreciações recíprocas” (COULON, 1995, p.10), ou seja, os atores sociais, enquanto indivíduos particulares estão inseridos na sociedade que apresenta normas e condutas que orientam seus modos de vida e a organização social.

Segundo a teoria de Parsons, estamos condicionados a obedecer e nos conformar com as regras sociais interiorizadas ao longo do nosso desenvolvimento e interações que estabelecemos com o meio, que acabam por regular os comportamentos e condutas sociais. Em contrapartida, a Etnometodologia percebe a relação do indivíduo com o meio não como a apropriação de regras deste para aquele, mas como uma produção de mecanismos de interpretação que só poderão ocorrer quando o sujeito apreende o sistema de símbolos. Daí a prerrogativa de Coulon (1995) de que com o surgimento da Etnometodologia veio a perspectiva de paradigma normativo ao paradigma interpretativo, ou seja, as práticas sociais não seriam compreendidas por um modelo fechado e determinista, mas interpretadas a partir dos papéis que os atores sociais exercem, suas subjetividades e interações.

Contudo, não podemos afirmar que Garfinkel fora discípulo de Parsons. A principal divergência entre seus pensamentos está na ideia da racionalidade científica, que, para Parsons, é o que orienta a conduta humana. Já Garfinkel acreditava que a racionalidade prática e o senso comum são reconstruídos a partir da interpretação dos atores sociais. Assim, não podemos compreender a ação social dos indivíduos por meio de uma lógica determinista, normativa e padronizada, pois Garfinkel afirma que as pessoas compartilham métodos/etnométodos entre si, e entre os membros de um grupo, e que essas ações são constitutivas e criam as situações que vivenciam, portanto, estão em modificação.

Em relação à Alfred Schütz, este iniciou seus trabalhos na Universidade de Viena e publicou sua primeira obra no ano de 1932, fundando a Fenomenologia Social, com o intuito de analisar como os atores sociais fazem uso dos símbolos para interpretar a realidade social e dar sentido às realizações práticas.

Schütz ampliou as investigações acerca da fenomenologia para a vida social e as práticas empíricas dos atores sociais. Para o autor, as atitudes das pessoas são naturais e rotineiras considerando o mundo que compartilham entre si. Segundo Amado, Crusoé e Vaz-Rebello (2014, p.82-83), “[...] o objetivo essencial da fenomenologia social é determinar o que significam determinadas experiências vividas pelas pessoas e por quem as rodeia, a partir da descrição feita por elas mesmas”, portanto, está relacionada à ideia de fenômenos sociais e suas relações com a vida, como a compreendemos, criamos teorias, e na perspectiva etnometodológica, os etnométodos utilizados para dar sentido às ações da vida cotidiana.

Nesse sentido, para compreender os saberes/fazeres das coordenadoras pedagógicas, a formação e a prática gestora, foi necessário mergulhar em suas rotinas, no trabalho cotidiano e descrever as práticas operacionalizadas, assim como compreender a forma como realizam as atividades de todos os dias, escutá-las acerca das experiências vivenciadas e os conhecimentos construídos. Portanto,

a fenomenologia da *vida cotidiana* trabalha com o fato de que as pessoas se situam na vida com suas angústias e preocupações, em intersubjetividade com seus semelhantes (companheiros, predecessores, sucessores e contemporâneos) e isso constitui a existência social, por isso, o espaço e o tempo privilegiados nessa teoria são a vida presente e a relação face a face. (MINAYO, 2014, p.144)

O pesquisador só compreende as ações dos indivíduos do grupo ou pessoa investigada quando se coloca em situação familiar a esse sujeito, na relação face a face, valorizando as interações cotidianas desses atores, a linguagem natural do grupo social, assim como as características que estão ocultas nas linguagens. Mergulhar pela primeira vez nas escolas, foi um desafio, pois tivemos que nos apropriar das estratégias, como oferecer ajuda para conhecer a rotina das coordenadoras e compreender as práticas de forma natural, dialogando com elas e buscando entender como utilizam as ações de todos os dias.

A vida social é, portanto, o cotidiano, produzido pelos atores e a forma como conseguem atribuir um sentido prático às suas realizações e construir a realidade social. Nesse caso, o mundo social de Schütz, refere-se à vida cotidiana, que é vivida pelos atores sociais comuns e que se constitui em um mundo intersubjetivo, de atividades corriqueiras.

Esse mundo da vida cotidiana, para Schütz, é revestido de intersubjetividade, no qual o ator social está em constante relação com outras pessoas e estas com os objetos, que têm influência sobre nós assim como agimos sobre eles. Nesse sentido, a vida cotidiana acontece nessa ação e a partir das interações. Logo, os princípios que norteiam a interpretação do meio social estão relacionados à intersubjetividade dos atores e às relações sociais que são construídas com os demais indivíduos, o que torna possível apreender as falas e as revelações do campo.

Apesar de Schutz não se preocupar tanto em perceber uma forma de descrição densa às particularidades da vida social, enfatiza que a realidade dos indivíduos não é homogênea, mas repleta de percepções distintas, afinal, o cotidiano consiste numa realidade cultural, uma percepção micro e macro, considerando a consciência que nos é comum enquanto sujeitos imersos em uma cultura, porém, ao mesmo tempo, existem as particularidades que nos torna distintos uns dos outros.

Contudo, a Etnometodologia não consiste numa derivação da fenomenologia social de Schutz, mas o que ela fez foi se apropriar de elementos presentes nessa fenomenologia para desenvolver os seus. O ponto crucial de aproximação entre eles está na valorização da realidade considerada como construção social, sendo necessária a interpretação do senso comum e as atividades práticas dos indivíduos.

O cotidiano, então, são essas tipificações, construções da pessoa, a exemplo das informações primárias observadas no campo, que já são interpretadas pelos atores sociais ali presentes, logo, as produções aqui apresentadas são produzidas e desveladas em segunda mão, distintas do senso comum “(a) pela consistência lógica, isto é, pela possibilidade de descrever o vivido, buscando trazê-lo para a ordem das significações; (b) pela possibilidade de interpretação; e (c) pela sua adequação à realidade social” (SCHUTZ, 1982 *apud* MINAYO, 2014, p.145).

Neste sentido, a compreensão dos saberes-fazeres das coordenadoras supera a interpretação objetiva da realidade e o senso comum, pois, ao mergulhar no cotidiano e realizar a descrição dos detalhes da prática, estamos interpretando uma realidade, atribuindo significados e dialogando com teorias que sustentam o fazer cotidiano, um saber coerente de caráter crítico.

Sobre o Interacionismo Simbólico, de acordo com Coulon (1995), os atores sociais são autores de seus cotidianos, atribuindo sentido aos objetos, ressignificando-os por meio de símbolos e construindo o mundo social. Tal corrente reforça que são as interpretações sociais dos atores que consistem o objeto de estudo e investigação da Sociologia, rejeitando as pesquisas quantitativas e o excesso de rigor das pesquisas sociais, que, com seus dados numéricos, estatísticos e tabelados, distanciam o pesquisador do estudo do fenômeno social.

Para Macedo (2000), temos a valorização do detalhe, a densidade das descrições devido à proximidade que estabelecemos com o campo, que revela a riqueza e os detalhes do objeto de estudo. Neste sentido, o comportamento dos atores sociais envolve as interações que são conduzidas através de gestos e se transformam em símbolos facilmente interpretados pelos membros do grupo, que, após se tornarem comuns, transformam-se em símbolos significantes. Logo, é nessa troca - interações e compreensão dos símbolos - que é construída certa situação, ou seja, a definição da situação.

Diante disso e com base em Blumer (*apud* Macedo, 2010), as premissas básicas do Interacionismo Simbólico refere-se ao fato de que: 1. As pessoas agem em relação às coisas de acordo com os sentidos que tais coisas têm para si; 2. O sentido surge a partir das

interações sociais que estabelecemos uns com os outros; e 3. Tais sentidos são modificados conforme os interpretamos.

Nesse sentido, compreendemos que o olhar das coordenadoras importa, suas vozes, o processo de constituir-se na função, o cotidiano e os etnométodos empregados nesse processo, os saberes colocados em prática, os desafios e interações construídas com os outros atores sociais que contribuem para a operacionalização do seu trabalho. Assim, o Interacionismo Simbólico olha a vida como um processo interpretativo e, para definir as situações que vivencia, o homem planeja, realiza suas ações e a relação com os outros, cria e produz significados nesse processo, apreende o meio através dos símbolos e interações sociais. Amado, Crusoe e Vaz-Rabelo (2014, p.85) afirmam que:

a vida dos grupos é, pois, determinada por incessantes redefinições e interpretações da situação. As interações sociais são 'ações conjuntas' (joint actions) que se elaboram no tempo mediante a conjugação dos atos dos diferentes atores.

Logo, não são as regras que determinam as ações de um grupo social, mas sim a vida grupal que legitima tais regras e normas, e as pessoas agem, definem suas situações de acordo com as fases que atravessam em cada momento, nesse sentido, as coordenadoras pedagógicas operacionalizam seus fazeres a partir das situações que vivenciam no cotidiano, por meio do qual realizam suas interações e interpretam outras ações. Agora que esclarecemos a base para a construção teórica da Etnometodologia, vamos compreendê-la na perspectiva da teoria do social.

A Etnometodologia como teoria do social

A Etnometodologia consiste em uma teoria do social e os pesquisadores que fazem uso dela buscam compreender os etnométodos utilizados pelos atores sociais em suas ações corriqueiras, procedimentos esses criados no contexto da ação. Logo, ao utilizar a Etnometodologia, buscamos compreender o cotidiano das práticas das coordenadoras pedagógicas e os procedimentos utilizados por elas para dar sentido às atividades

corriqueiras e, nesse meio, os saberes-fazer reconstruídos a partir da formação profissional e da prática gestora.

A Etnometodologia se origina em torno da concepção de Garfinkel de que o ator social não é um idiota cultural, mas um sociólogo prático, que apreende o mundo que está inserido e usa estratégias situadas contextualmente para organizar a sua existência e dar sentido às ações cotidianas. O primeiro trabalho de Garfinkel, um artigo publicado em 1949 sobre homicídios inter e intra-raciais, apresenta a forma como as condenações eram deliberadas pelos jurados leigos. De acordo com Coulon (1995, p.51):

os jurados utilizavam, portanto etnométodos, isto é, uma lógica do senso comum que ‘têm dentro de si mesmos’, que é ‘encarnada’ e que não é uma lógica jurídica especializada tomada de empréstimo não se sabe de onde para as necessidades da causa.

A inquietação do autor estava no fato dos jurados serem dotados de algumas técnicas de julgamento (concepções encarnadas, próprias de cada indivíduo) sem possuírem conhecimento especializado em relação à capacidade de examinar um crime. Utilizavam procedimentos do senso comum, o sentido de justiça de cada um deles em relação ao que seria verdadeiro ou falso, provável ou improvável.

Sendo assim, o termo *etno* significa as formas que um sujeito atribui sentido a algo, e como Garfinkel estava estudando os etnométodos utilizados pelos jurados (métodos para julgar os réus), desenvolveu a Etnometodologia – o estudo dos métodos do senso comum empregados pelos atores sociais para dar sentido às realizações práticas cotidianas, consistindo no raciocínio sociológico prático (COULON, 1995).

Neste sentido, a Etnometodologia tenta compreender, e não explicar, os fatos e fenômenos sociais, como os atores sociais enxergam e descrevem as situações que vivem para realizar as atividades de todos os dias e organizar a sua existência. É, conforme Minayo (2014), a descrição minuciosa dos objetos que estuda, uma pesquisa situada no espaço que esses indivíduos atuam, tornando possível perceber os aspectos que atravessam as ações corriqueiras por meio da descrição profunda, densa, detalhada dos aspectos do campo “que fala” e dos atores sociais ali presentes, diferenciando-se das pesquisas antropológicas por não ter a intenção de realizar uma análise cultural.

Nesse sentido, nos preocupamos em compreender o cotidiano das atividades práticas das coordenadoras pedagógicas no contexto comum, as escolas, os etnométodos construídos para dar sentido as ações, tomar decisões, comunicar-se e ressignificar os saberes construídos na formação profissional. Desse modo, o esforço foi realizado no sentido de escutar, observar, capturar as situações vivenciadas no cotidiano pelas coordenadoras, as expressões utilizadas por elas, as ações criadas nas rotinas. Para auxiliar nesse processo compreensivo, a Etnometodologia forjou para si um vocabulário próprio, mas que toma de empréstimo de outras áreas seus termos, tais como: a indicialidade, da linguística; a reflexividade, da fenomenologia; a noção de membro, de Parsons (COULON, 1995); e o conceito de prática e *accoutability*.

Em relação ao conceito de prática, este consiste no estudo das atividades práticas, as circunstâncias de todos os dias dos atores sociais, o raciocínio sociológico prático. Enquanto prática reflexiva, os pesquisadores que utilizam a Etnometodologia em seus estudos tendo em vista esse conceito-chave buscam compreender as práticas sociais e os métodos utilizados pelos indivíduos, os comportamentos, crenças, as realizações dos membros, evidenciando o modo de fazer.

Sobre a indicialidade, trata-se de um termo adaptado da linguística. Ao utilizar a indicialidade nas pesquisas etnometodológicas o pesquisador tem como intenção compreender as palavras, os termos expressos pelo ator social ou atores sociais de um grupo, a maneira como se expressam, comunicam e produzem significados por meio da linguagem natural. Trata-se da linguagem comum, de todos os dias, identificada através dos termos indiciais, expressões particulares que são entendidas apenas por quem pertence ao grupo.

Sobre a reflexividade, quando afirmamos que os atores sociais têm práticas reflexivas, isso quer dizer que refletem sobre suas ações. Considerando a Etnometodologia, a reflexividade consiste no fato dos atores sociais não refletirem sobre suas ações, isto é, não param para observar de forma atenta aquilo que fazem ou como realizam as atividades. Contudo, relatam os fatos que acontecem em seu meio, tornando-os compreensíveis.

O *accountability* consiste na maneira como os atores sociais descrevem e compreendem as atividades cotidianas. Através da descrição do contexto em que vivem, os atores sociais podem apreender o meio a sua volta. Logo, afirmar que os espaços de pesquisa é *accountable*, significa afirmar que são passíveis de descrição, analisáveis, evidenciando, nesse contexto, as ações práticas dos atores sociais.

E a noção de membro na visão etnometodológica, vai além do pertencimento, mas sim o domínio da linguagem natural, pois, a partir do momento que compreendemos o lugar de fala dos atores sociais do ambiente de pesquisa, conseguimos entender os ditos, mas, sobretudo, os não ditos, entendemos as expressões e gestos, podemos afirmar que pertencemos àquele espaço. Neste sentido, a noção de membro relaciona-se ao processo de filiação, estar junto, viver junto e ser identificado como um membro pelos demais integrantes do grupo.

Após esta breve descrição, apresentamos de forma mais detalhada como utilizamos os conceitos-chave prática/realização, indicialidade e noção de membro, em nossa pesquisa.

Prática/Realização

O conceito de prática/realização está relacionado às tarefas e circunstâncias práticas dos indivíduos que pertencem a um grupo social. Enquanto sujeitos inseridos numa sociedade a partir de um contexto particular, cada pessoa assume posturas e atitudes que dão sentido às situações que vivenciam. Este conceito consiste nas atividades e comportamentos dos atores sociais na prática.

A Sociologia tradicional ignora o saber proveniente do senso comum, as experiências práticas dos atores sociais, que, para ela, são considerados como “idiotas culturais”. Todavia, onde a Sociologia tradicional vê irracionalidade ou saberes sem base científica, a Etnometodologia enxerga um processo de organização social repleto de significados e valor para os sujeitos, isto é, “os etnometodólogos têm a pretensão de estar mais perto das realidades concretas da vida social que os outros sociólogos” (COULON,

1995, p.30). Assim, está próximo aos fatos sociais, enquanto realizações dos membros em conjunto, que são criados por eles e dão sentido as suas ações.

Ao utilizar o conceito-chave “prática/realização”, compreendemos as atividades práticas das coordenadoras pedagógicas, suas ações corriqueiras, concretas, o modo como procedem às atividades da prática gestora no curso de suas tarefas do dia a dia, a exemplo da prática de organizar, analisar e avaliar os planos de aula dos professores, tarefa esta que consiste em uma das atribuições do coordenador pedagógico.

Uma das tarefas do coordenador pedagógico no processo de formação do docente em serviço é orientar e mediar a prática em sala de aula. Para isso, uma das funções essenciais é acompanhar a elaboração dos planos de aula, corrigi-los e orientar os professores, caso haja necessidades de mudança na proposta de planejamento. Ao longo das observações percebemos que as coordenadoras estão em constante interação com os professores e, com os planos em mãos, acompanha as atividades que estão realizando em sala de aula diariamente.

Neste sentido, a prática de acompanhar o trabalho docente por meio da avaliação e acompanhamento do planejamento, consiste em uma ação corriqueira de ambas as coordenadoras pedagógicas, bem como outras atribuições, como acompanhar a entrada e saída dos alunos, participar de reuniões com a direção e com a supervisão educacional da Secretaria de Educação, acompanhar as avaliações, fazer testes de leitura e escrita junto com os professores, elaborar o planejamento pedagógico, fazer reuniões com pais e/ou responsáveis, acolher e mediar os projetos da comunidade operacionalizados nas escolas e outras ações mais corriqueiras como auxiliar serviços de secretaria, merenda escolar, atribuições que, apesar se não serem específicas da coordenação pedagógica, consistem em práticas que fazem parte do cotidiano das interlocutoras, o que representa, na voz delas, um problema, um desvio de função.

Indicialidade

A linguagem é fundamental para a construção da vida em sociedade. Nos comunicamos com familiares, colegas, trocamos e pedimos informações, expressamos opiniões, realizamos pedidos em mercados, restaurantes, descrevemos fatos e narramos histórias. As expressões da linguagem ordinária, do dia a dia, comum para nós, são indiciais, isto é, se ligam a uma expressão, palavra e situação. Em relação ao uso do termo indicialidade, Garfinkel (2018, p.101) afirma que “[...] a investigação das propriedades racionais de expressões indexicais e ações práticas como realizações contínuas e contingentes de práticas engenhosas da vida cotidiana”. As coordenadoras pedagógicas, em suas ações cotidianas, utilizam termos específicos e dialogam com direção, professores, alunos, pais e outros colaboradores de forma natural, utilizando expressões comuns a eles e que, a princípio, alguns deles eram desconhecidos, como o significado dos testes de leitura, Instituto Alfa e Beto, dentre outros.

A indicialidade é um termo adaptado da linguística que consiste nas definições que se unem a uma palavra e situação, que ganham significado a partir do contexto no qual estão inseridas e geram expressões que identificam o grupo social. Assim, cada membro apreende a linguagem própria do contexto natural a que pertence, entendida pelos atores sociais, constituída por gestos, ações e expressões da vida ordinária. “A linguagem é essencial para que a realidade seja do jeito que é, pois na vida cotidiana os indivíduos que se comunicam, concordam, discordam, justificam-se, negam ou recriam razões de existir” (MINAYO, 2014, p.148-9).

Para a Etnometodologia, a linguagem é essencial para a compreensão dos grupos sociais. Não a linguagem rebuscada, mas a comum, do cotidiano, compreendida e interpretada pelos atores sociais que convivem em ambientes semelhantes, próprios do contexto e que não são facilmente identificadas pelos indivíduos que não fazem parte dessa realidade, como o exemplo do teste de leitura que uma das coordenadoras aplicou com os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental.

A pessoa que não conhece as práticas pedagógicas realizadas pelos professores e coordenadores da rede municipal de ensino de Teresina não compreenderia o significado do teste de leitura e, principalmente, do termo “expectativas de leitura”. Somente quando se está implicado e se passa um tempo junto ao grupo é possível apreender as práticas cotidianas e os termos indiciais que emergem de tais ações, por exemplo, “expectativas de leitura”, aqui, consiste em um termo que revela os níveis de leitura da criança, que vai do nível “Não lê” ao nível nove, onde espera-se que a criança leia oitenta e uma palavras ou mais por minuto a partir do segundo ano do Ensino Fundamental. Essa prática faz parte das atividades do Programa Alfa e Beto, um programa de alfabetização que utiliza o método fônico no processo de alfabetização, fazendo com que a criança compreenda que uma palavra é formada por letras e que cada letra possui um valor sonoro e que existe uma relação entre sons e letras, fonemas e grafemas.

Entender o significado desses termos somente foi possível devido a pesquisa ser realizada a partir da prática das coordenadoras, no qual pudemos capturar as expressões carregadas de subjetividade, dialogando com as interlocutoras e nos apropriando da linguagem natural. Desse modo, tivemos de capturar os termos e os significados das expressões indiciais por estar na condição de membro. Nesse caso, essas expressões passam a ser observáveis e relatáveis quando compreendemos seus significados a partir das circunstâncias práticas vivenciadas nas rotinas e conversas informais.

Para compreender essa linguagem, foi necessária uma aproximação com o cotidiano de trabalho e mergulho nas rotinas das coordenadoras, a implicação no contexto empírico para entender e interpretar a organização do trabalho pedagógico na escola e do trabalho das coordenadoras, o que exigiu o uso de outro conceito-chave: a noção de membro.

Noção de Membro

Estar nas escolas semanalmente, se configurou em uma forma de trabalho. Do processo de entrada nas escolas ao sentimento de pertença ao grupo como membro não foi um processo rápido. Demandou tempo. Apesar de conhecermos as coordenadoras, não sabíamos quem eram os demais funcionários, o campo e as rotinas eram desconhecidos e todo começo parece, às vezes, causar certo estranhamento.

Nesse sentido, a noção de membro nas escolas foi empreendida ao longo do desenvolvimento do estudo, sempre nos colocamos a disposição das coordenadoras para colaborar no que fosse necessário. Adotar essa estratégia de aproximação permitiu que fossemos adquirindo a confiança das coordenadoras e dos demais funcionários das escolas.

Neste sentido, ser considerado como membro de um grupo significa estar vinculado às linguagens, regras, normas e rotinas do contexto social. É partilhar de ideias comuns, compreender os gestos, símbolos e interpretar as ações de outros membros. De acordo com Coulon (1995, p.48), um membro é:

[...] uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de savoir-faire, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. É alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar.

Para tornar-se membro e, sobretudo, sentir-se membro, requer tempo do pesquisador no ambiente de investigação para que possa apreender detalhadamente as peculiaridades das relações sociais ali presentes. É partilhar os sinais, a linguagem natural, comum do grupo que se vive junto, porém, não a língua característica, ou seja, o idioma, mas o significado e termos indiciais que existem em cada palavra e que torna possível compreender os fenômenos do cotidiano. Por isso, pesquisadores etnometodológicos compreendem as atividades cotidianas dos membros do grupo que estão inseridos como rotinas práticas, passíveis de serem explicadas, relatadas e interpretadas.

A intenção era vivenciar integralmente, junto às coordenadoras pedagógicas, o contexto de trabalho nas escolas, duas instituições públicas do município de Teresina. Para isso, tivemos que nos esforçar para ser útil, pois, como reitera Angrosino (2009, p.50), “[...] a reciprocidade vai longe no sentido de estabelecer e manter uma relação”, ou seja, tivemos que combinar com as coordenadoras que as auxiliaríamos no que fosse necessário em relação às atividades da coordenação, proposta recebida de bom grado. Neste sentido, o processo de implicação e iniciação à condição de membro nas escolas teve início no primeiro dia de visita às coordenadoras, quando socializamos a proposta de pesquisa e nos colocamos a disposição das coordenadoras para auxiliá-las no que fosse necessário nas atividades rotineiras, sem, contudo, interferir em suas práticas.

Diante dessas colocações percebemos que os fenômenos educacionais podem ser analisados e compreendidos a partir de sua realidade, e a Etnometodologia pelo que representa atualmente nas pesquisas em educação, dá conta de investigar, compreender e entender os fenômenos sociais, os fazeres, os etnométodos específicos de cada indivíduo e grupo, com a preocupação de entender o processo, retratar as ações cotidianas, o significado que os atores sociais atribuem as coisas, a vida. Tentamos então, capturar de maneira íntima os detalhes, a maneira como as coordenadoras realizam as atividades de todos os dias e como encaram as questões da formação e da prática, sendo necessário estar junto a elas como membro e apropriação da linguagem natural.

Considerações finais

Analisamos a Etnometodologia, como teoria do social, corrente que trouxe uma reviravolta nas pesquisas sociológicas a partir do momento que valoriza o cotidiano, as ações comuns dos atores sociais, a descrição densa e observação desses em suas ações.

Nesse sentido, consideramos que, mais que uma teoria do social, a Etnometodologia é uma perspectiva de estudo, uma nova visão do trabalho científico, dando possibilidade aos pesquisadores compreenderem com um olhar mais atento, amplo e denso as práticas dos indivíduos, o que fazem, por que fazem e como organizam seus cotidianos, aquilo que faz sentido e que dão significado às suas atividades.

Para os etnometodólogos, os sujeitos utilizam em suas ações cotidianas aspectos que para eles fazem sentido, métodos que dão significado às diversas circunstâncias que vivenciam e por isso, trata-se de uma ciência dos etnométodos. Tomando como base precursora os estudos de Talcott Parsons, Alfred Schütz, e do Interacionismo Simbólico, para Garfinkel (2018), as ações corriqueiras são realizadas dada uma interpretação, algo subjetivo, dotado de sentido para a pessoa ou grupo, dessa forma, há uma representação simbólica que possui diferentes linguagens e interpretações, e só quem pertence a esse grupo é capaz de compreendê-la.

Nesse sentido, a Etnometodologia relaciona-se entre ator e suas ações corriqueiras, a sua cultura, a forma com se apropria dos fenômenos e o sentido que atribui as coisas não do ponto de vista normativo, mas interpretativo. A questão está em entender como fazem, porque fazem como fabricam seus etnométodos.

Nesse sentido, cabe perfeitamente os trabalhos etnometodológicos nas pesquisas em educação, visto que o cotidiano de educadores e no caso da nossa pesquisa, as coordenadoras pedagógicas, há um conjunto de códigos, tradições, regras normatizadas, conflitos, entre os atores sociais e interações. A intenção da pesquisa foi então apresentar um recorte de como foi mergulhar nesse interior, compreender as ações dessas interlocutoras, os mecanismos práticos do cotidiano, as experiências empíricas, utilizando para isso a Etnometodologia. Não apenas descrever, mas compreender a escola como lugar de produção cultural, o sentido que atribuem as ações. Sendo o pesquisador um ator social que se envolve e participa dos processos na intenção de compreender os acontecimentos.

Diante disso, como pesquisadoras em educação, nos preocupamos em compreender as estratégias utilizadas pelas coordenadoras em seus cotidianos de trabalho, utilizando para isso a base dos conceitos-chave próprios da Etnometodologia, a prática, indicialidade e noção de membro. Fica evidente que trabalhar com essa teoria do social foi fundamental para essa compreensão do cotidiano, dos fatos sociais produzidos pelas coordenadoras, e conseqüentemente a análise dos etnométodos produzidos, que são próprios, e que apesar de existir uma normatização para as práticas dos coordenadores pedagógicos, cada uma produz no dia a dia o seu modo de fazer, aquela prática que as

diferencia enquanto educadoras, a forma como utilizam e se reconhecem como profissionais.

Referências

AMADO, J.; CRUSOÉ, N.; VAZ-REBELO, P. Quadros analíticos da investigação qualitativa em educação. In: AMADO, J. (Coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. 2.ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2014. p. 73-99.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes. 1995.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MINAYO, M, C, S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed . São Paulo: Hucitec; 2014.